

Tupinipunk – Cyberpunk Brasileiro¹

por Roberto de Sousa Causo

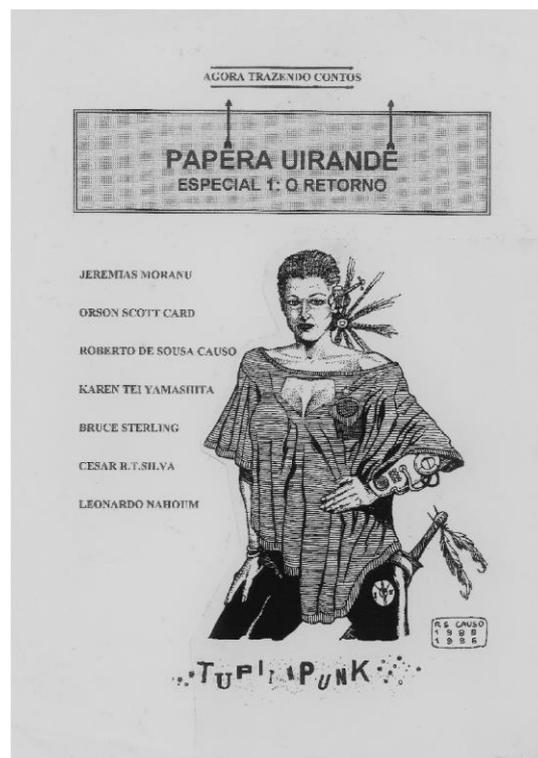


Figura 1: Capa do fanzine crítico *Papêra Uirandê Especial 1: O Retorno* (1996).

Acho que a primeira vez que usei a expressão "Tupinipunk", para designar o que seria uma expressão brasileira do subgênero da ficção científica conhecido como cyberpunk, foi na sessão de autógrafos de *A Espinha Dorsal da Memória*, de Braulio Tavares, ele próprio um autor que mereceria a alcunha – ao menos por alguns de seus contos. A sessão de autógrafos se deu na livraria Paisagem (São Paulo), em algum momento de 1990, e meu comentário foi feito, se não me engano, para Ivan Carlos Regina e Marcello Simão Branco.

¹ Original em *Papêra Uirandê Especial # 1: O Retorno*. São Paulo: edição do autor, 1996.

Mais tarde, quando – outra vez Braulio Tavares – falou de cyberpunk brasileiro para designar o romance *Santa Clara Poltergeist*² de Fausto Fawcett, me senti incomodado porque o que Tavares dizia a respeito do romance parecia estar sendo feito por Ivan Carlos Regina há algum tempo.

Finalmente, percebi que as coincidências eram demais, quando surgiu a novela *Piritas Siderais*, de Guilherme Kujawsky, que também foi chamada de cyberpunk brasileiro, ou, pior ainda, de "romance cyberbarroco".

Coincidências, ou o reflexo literário de algum fenômeno brasileiro? Depois de pensar um pouco, ler um pouco mais, e pesquisar outro tanto, escolhi a segunda hipótese. "Tupinipunk", como chamei (meio de brincadeira, é verdade), é uma tendência espontânea da FC brasileira.

Desde o início da década de 1980 uma série de contos e romances de características semelhantes têm surgido no Brasil, sem que seus autores tenham pontos de contato entre si. Por isso, essas obras, que chamaremos "tupinipunk", dever ser vistas como respostas a uma situação cultural e literária que passou a ser mais explorada – de um modo bastante irregular e eventual – pela FC brasileira desde aquela década. Como muitas dessas características são próximas daquelas do cyberpunk – daí a hipótese de um "cyberpunk brasileiro" ou "tupinipunk" – também é lícito imaginar que essas duas tendências ficcionais de origens diversas – cyberpunk e tupinipunk – sejam reações particulares a uma mesma situação, vivida por culturas que, em muitos sentidos, situam-se em pólos opostos da modernidade. E essa situação é o globalismo e o multiculturalismo.

Cyberpunk brasileiro... Mas o que o cyberpunk original?

Um movimento surgido dentro da ficção científica anglo-americana, por volta de 1981-82, com a intenção de reconduzir o gênero para a linha de frente das transformações mundiais, que, na visão de seus componentes, estava nos campos da informática, comunicações, e implantes mecânicos. É uma ficção que lida com um "futuro onde blocos políticos e industriais podem ser globais [...], antes de nacionais, e controlados através de redes de informação; um futuro no qual aumentos mecânicos do corpo humano são lugar comum, tanto quanto mudanças mentais e corporais alcançadas por drogas e engenharia biológica. Central para a ficção cyberpunk é o conceito de realidade virtual [...], onde as redes de dados do mundo formam uma espécie de meio-ambiente mecânico no qual um humano pode penetrar [...].

² TAVARES, Braulio. "Uma FC sem clichês". In *Isaac Asimov Magazine: Ficção Científica* N° 18, Rio de Janeiro: Record, 1991, pág. 21 (nota do autor).

"[...] Densidade de informação, freqüentemente escorregando para dentro das histórias por meios quase-subliminares, tem, desde o começo, fortemente caracterizado o próprio estilo cyberpunk."³

No cyberpunk, o ponto essencial é a tentativa de traduzir através de recursos próprios da ficção científica a situação recente do globalismo - alcançada por meio de um progresso tecnológico especialmente sentido nas áreas de comunicações, e armazenamento e manipulação de informações.

Assim como o cyberpunk anglo-americano, o tupinipunk também seria uma resposta ao globalismo e ao multiculturalismo - mas uma resposta própria de um país que vive uma situação diferenciada de desenvolvimento cultural e científico, onde a modernização ainda esbarra em elementos que remetem aos modelos de nossa colonização. E essa resposta se dá principalmente por uma recuperação da idéia do sincretismo.

Segundo o dicionário *Aurélio*, sincretismo é: "S. m. 1. Filos. Reunião artificial de idéias ou de teses de origens disparatadas. 2. Filos. Visão de conjunto, confusa, de urna totalidade complexa. 2. Amálgama de doutrinas ou concepções heterogêneas. 4. Fusão de elementos culturais diferentes, ou até mesmo antagônicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns sinais originários."⁴

A condição periférica do Brasil transparece no sincretismo, como o recurso de uma apropriação cultural sem raízes, sem uma compreensão profunda da cultura "contribuinte", uma cultura empregada sem que a honremos. Isso aparece especialmente na citação multi-referencial (que remete a várias culturas ou elementos culturais).

O tupinipunk, assim como o cyberpunk, se vê como uma espécie de vanguarda — a boemia contra a burguesia⁵ —, e o modelo tupinipunk de vanguarda é o modernismo antropofágico de Oswald e Mário de Andrade, uma invenção da década de 1920 que continua a ser referência sempre resgatada. O modernismo antropofágico é base do estilo do tupinipunk: ecos da "prosa cubista" de Oswald de Andrade, a produção de uma voz múltipla, onde algo novo surgiria a partir de restos de objetos conhecidos, com interpretações mais livres que a permitida pela prosa convencional; uma visão utópica do sexo como força libertária; a tentativa de dissolver categorias de formas

³ NICHOLS, Peter, *The Encyclopedia of Science Fiction*. New York: St. Martin's Press, 1993, pág. 288 (nota do autor).

⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. São Paulo/Rio de Janeiro: Folha de São Paulo/Editora Nova Fronteira, 1994-1995, pág. 601 (nota do autor).

⁵ STERLING, Bruce. "El Cyberpunk en los Noventa". *Neuromante, Inc.* N° 1, agosto de 1994, pág. 10-11 (nota do autor).

literárias e de pensamento; rompimento com as formas literárias convencionais; e até mesmo um certo primitivismo. (Braulio Tavares já havia notado a relação entre *Santa Clara Poltergeist* e o que ele chamou de "dois dos mais ilustres pilares de literatura *pop* brasileira, os romances *Memórias Sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade"⁶.)

Essas características aparecem em um autor como Ivan Carlos Regina, igualmente influenciado por Oswald de Andrade, e por outros momentos culturais brasileiros como o tropicalismo, na música, e o concretismo, na poesia. Outros autores que abordarei são Alfredo Sirkis, Guilherme Kujawsky, Ivanir Calado, Fausto Fawcett, o próprio Tavares e até mesmo André Carneiro (em ao menos uma obra).

Vamos ver primeiro como elementos cyberpunks são correlacionados com a visão diferenciada do tupinipunk. O que aparece entre parênteses deve ser visto como um elemento atenuado:

temas/motivos

Cyberpunk: internacionalização/multiculturalismo

Tupinipunk: sincretismo

Cyberpunk: revolução informática

Tupinipunk: (deslumbramento tecnológico)

Cyberpunk: corporações multinacionais

Tupinipunk cultos afro/orientais

Cyberpunk: implantes

Tupinipunk: ambigüidade física/simbiose

Cyberpunk: marginália técnica

Tupinipunk: presenças étnicas individuais

Cyberpunk: ciência dura [extrapolação embasada]

Tupinipunk: ciência referencial [só no plano da citação]

Cyberpunk: (sexo)

Tupinipunk: sexo enfatizado

Cyberpunk: violência

Tupinipunk: violência enfatizada

Cyberpunk: ironia

Tupinipunk: sarcasmo

Cyberpunk: tribalismo cultural

Tupinipunk: referências pop/anos 60-70

estilo

Cyberpunk: prosa fragmentada

⁶ TAVARES, Braulio. "Uma FC sem Clichês", pág. 24 (nota do autor).

Tupinipunk: prosa fragmentada/cubista

Cyberpunk: saturação referencial

Tupinipunk: saturação referencial

Cyberpunk: personagens atenuadas

Tupinipunk: personagens mais atenuadas

tradição

Cyberpunk: FC hard/new wave

Tupinipunk: antropofagia modernista (FC)

Cyberpunk: pós-modernismo

Tupinipunk: modernismo/pós modernismo

Agora, uma lista de obras que podem constituir um *corpus* tentativo do tupinipunk, divididas em dois períodos:

"early"

1985 *Silicone XXI*, Alfredo Sirkis

1986 "Life as an Ant", André Carneiro

1986-88 Contos de Ivan Carlos Regina no fanzine *Somnium*

obras mais recentes:

1989 *A Espinha Dorsal da memória* (alguns contos), Braulio Tavares

1991 *Santa Clara Poltergeist*, Fausto Fawcett

1993 *O Fruto Maduro da Civilização*, Ivan Carlos Regina

1993 "O Altar dos Nossos Corações", Ivanir Calado

1994 *Piritas Siderais*, Guilherme Kujawky

Vamos dar uma olhada em cada uma delas, tentando aproximá-las da perspectiva que estou sugerindo. É claro, não devemos esperar que todos os autores ou obras caibam perfeitamente no modelo. Basta que reconheçamos as semelhanças em número suficiente, gerando efeitos próximos, para sustentar a hipótese do tupinipunk como tendência real da FCB. Na maioria dos casos haverá um pequeno excerto da obra, para que possamos notar a semelhança no estilo.

Silicone XXI, Alfredo Sirkis (Rio de Janeiro: Record, 1985. São Paulo: Círculo do Livro, 1988). O General Estrôncio (de Estrôncio 90, o material radioativo), membro de um secreto grupo de direita interessado em obter para o Brasil o poder nuclear, está cometendo crimes em série, matando travestis com uma pistola *laser* privativa das forças armadas. Ele tem um implante (pênis) de silicone que dá o título ao livro. Os protagonistas são o inspetor Balduino, um negro, e Lili, uma

jornalista que chega a ser estuprada por Estrôncio. O general importa material nuclear da Armênia. O livro é uma clara sátira a uma variedade de símbolos de poder e potência - sexual, militar, nuclear, etc.

Sexo, sarcasmo, referências pop, violência, ciência referencial, presença étnica (negro) associada à sensualidade, prosa cubista (alguns momentos).

O segundo cadáver da suíte 303 é a mucama automática, um robô sobre rodinhas, obeso e assexuado, bem diferente daqueles com finalidades eróticas, que costumam até cem vezes mais. A pobre brega sintética levou pelos peitos a descarga, foi transfixada no centro logocardiaco e está cheirando a curto circuito. Como não tem forma humanóide, com rodinhas no lugar de membros inferiores, morreu em pé.

"Life as an Ant", André Carneiro (in *Tales From the Planet Earth*, Frederik Pohl & Elizabeth Anne Hull, eds. New York: St Martin's Press, 1986). Fabian, um publicitário de São Paulo, trabalha na campanha de um novo calmante, quando sua mente é invadida por um alienígena, que se encanta com a possibilidade de ter sexo (através do corpo do hospedeiro) com Vivian, a colega de trabalho por quem Fabian vinha se interessando há algum tempo. Outras pessoas cujas mentes foram dominadas vão aparecendo. Eles se reúnem em uma convenção na Bahia, e decidem deixar o Brasil, porque o país é muito pobre. Mas Vivian pede para que o E.T. em Fabian não vá - está atraída pela presença de um outro no corpo de Fabian: é como um *ménage à trois*, que a excita. O alienígena fica, o final é feliz. Defesa do sexo como resposta para questão não elaboradas: identidade pessoal, intenções ideológicas, realização pessoal e profissional, moralidade sexual, etc.

Sexo, ironia, referências pop, religião afro é mencionada, sincretismo, simbiose. Cultura pop (anos 60). Diluição da identidade.

(O estilo de Carneiro não se aproxima do fragmentário do tupinipunk ou cyberpunk, mas o conto é interessante por apresentar uma conciliação que silencia uma série de questão, algo que veremos mais de perto no final deste ensaio.)

"Catálogo de Exposição", Braulio Tavares (in *A Espinha Dorsal da Memória*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989). Hipertrofia de sensações, explosão de elementos referenciais acumulados — ausência de enredo (característica modernista/pós-modernista), polifonia de signos. Multiculturalismo estilizado, remete ao sincretismo. Parafernália visual carnavalesca.

Um grande quadro em forma de elipse, tendo nos dois focos, a um metro de distância do outro, dois kinovisores em estéreo. Uma tapeçaria ardendo em fogo lento. Um totem feito de cubos irregulares, e que gira em torno de si próprio. Uma cabeça mecânica de latão, que move a boca e as pálpebras sem emitir sons.

“Jogo Rápido”, Braulio Tavares (in *A Espinha Dorsal da Memória*). Homem é seqüestrado apenas para que um grupo delinqüente marque sua fisionomia, ganhando pontos sobre outros grupos.

Tribalismo. Multi-referencialismo. Violência.

- Leo, você está fazendo um esforço titânico, um esforço masoquista, um esforço iogue para não deixar transparecer a alegria malevolente que dança frevo eléctrico em teus neurônios. Pode relaxar. Não seja hipócrita.

“Stuntrnind”, Braulio Tavares (in *A Espinha Dorsal da Memória*). Alienígenas ocupam a mente de um voluntário, que passa, conduzido por eles, a experimentar todos os tipos de sensações humanas.

Multi-referencialismo. Diluição da identidade. Idéia de livre experimentação/desafio a tabus, remete aos anos 60. Ciência referencial. Referências pop. Simbiose.

Já mergulhei de vários metros de altura na face de uma imensa torta de chocolate, fiquei enterrado nela como uma bala num sarrafo de madeira, nadei, engoli, abri caminho. Já me amarrei à pá de uma hélice. Já bebi salmoura, urina, bile, sêmen, suco de pimenta, líquido amniótico, ácido clorídrico, sangue menstrual, água-tofana, água hiperdestilada, água do mar. Já enfrentei najas com meus dentes, as mãos atadas às costas. Já saltei de um avião a dois mil metros de altura, preso a um cabo elástico. Já me fiz emparedar por seis dias.

Santa Clara Poltergeist, Fausto Fawcett (Rio de Janeiro: Editora Eco, 1991). Surge sobre o Rio de Janeiro uma zona de "instabilidade parapsíquica", explorada principalmente com estranhos efeitos sobre a prática sexual. Clara Volheim, após um "acidente" que a transforma em uma máquina de sexo, passa a exhibir-se em shows de "sexoartístico" e se associa a uma seita de transcendência através do sexo. Ausência de diálogos.

Sexo enfatizado, violência enfatizada, religiões afro e orientais, multi-referencialismo cultural, referências pop, sincretismo, presença étnica (negro) associada à sensualidade, ciência referencial, prosa cubista.

Com Clara/Verinha Blumenau, Ramayana atingia até os fodidos terminais doentes. Com o auxílio de seus uri gellers malignos da Sibéria, matou muita gente que se

opôs a ele na marra. Defendeu-se quando a barra pesava e governos e estados queriam para si o império erótico, que tinha de cinema até açougue de carne simulada de atriz e ator pornô.

"Um Homem Porra-Louca Tempo Demais", Ivan Carlos Regina (in *O Fruto Maduro da Civilização*. São Paulo: Ficção Científica GRD N° 16, 1993). O conto segue a trajetória de Richardo - de homem problemático a guru do seu tempo. "Richardo" é fusão bem cubista e multi-referencial de Richard e Ricardo.

Multi-referencialismo, religiões orientais, referências pop, sincretismo, ciência referencial, prosa cubista.

Richardo, então já rico, consolidou sua fortuna com duas invenções memoráveis: uma máquina de rezar, onde, através de um simples pressionar de dedos, ouvem-se vozes lamurientas pedindo desculpas por existir, nas versões cristã, xintoísta e budista.

"Ananda, O Homem que Purpurava", Ivan Carlos Regina (in *Fruto Maduro da Civilização*). Outro guru, Ananda cria uma nova religião, o Purpurismo, ou uma técnica de apreensão da totalidade através do poder das palavras. Inclue, na versão original não constante da coletânea, um manual com técnicas de meditação purpurista.

Multi-referencialismo, religiões orientais, referências pop, sincretismo, ciência referencial, prosa cubista.

Seu pai, um reles funcionário burocrático do governo federal, conseguia mediante empréstimos bancários, criar a família constituída de esposa e seis filhos, quando, tomado de típica fúria hindú, rechaçou o nascimento de seu sétimo filho e queria purificá-lo afogando-o no Ganges. Sua consorte, de origem líbia e de auto-libído, impediu-o mandando o recém-nascido para a casa de primos distantes que moravam mais ao norte.

"O Caipira Caipora", Ivan Carlos Regina (in *O Fruto Maduro da Civilização*). Um índio mitificado desce das alturas para atacar a sociedade consumista ocidental e reconstituir elementos arquetípicos nacionais do Brasil.

Multi-referencialismo, referências pop, presença étnica (índio) estilizada, ciência referencial, sincretismo, prosa cubista.

— ingere radiação, radioatividade, isótopos, o mercado financeiro, o *Brazilia way of life*, a Avenida Paulista, Itaquera, São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo, defecando áreas de matas virgens. Recompõe a Mata Atlântica, cicatrizando enfim

a ferida que o homem abriu na paisagem.

"O Altar dos Nossos Corações", Ivanir Calado (in *O Atlântico Tem Duas Margens*, José Manuel Morais, ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1993). Em futuro próximo, Rio de Janeiro e Niterói sofrem mais que nunca criminalidade organizada, e os governantes estão mancomunados com os bandidos. O governador aceita de presente dos traficantes um implante nos centros cerebrais de prazer, para descobrir mais tarde que se trata de um artefato nuclear miniaturizado, esperando para explodir em seu cérebro, se ele não acatar os criminosos. Seqüestros, assaltos a banco, chefes criminosos em palácios babilônicos dentro de prisões.

Multi-referencialismo, prosa fragmentada, sexo, violência, sarcasmo.

Stoklos, como todo mundo, ouviu falar dos urubus, viu milhares de vezes pela TV, mas de perto assustam mais: são jatos ultraleves pretos, alguns assumindo o nome e com enormes pescoços e cabeças imitando as aves. Montados acima das asas, cavalgando os aparelhos, meninos de sete, oito anos, segurando as temíveis Uzzi 2790: olheiros.

Piritas Siderais, Guilherme Kujawsky (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994). Dois personagens, pais de santo em um futuro onde a religião oficial do Brasil é o candomblé, são convocados por uma super-mulata e um estrangeiro cientista maluco a contactarem, por via mediúnica, uma entidade de uma estrela distante, por meio de ritual de zoofilia com uma galinha preta.

Sexo, sarcasmo, religiões afro, multi-referencialismo cultural, referências pop, sincretismo, presença étnica (negro) associada à sensualidade, prosa cubista, ciência referencial.

Futuro, a fronteira final. A Terra de Vera Cruz acompanha capenga o progresso do mundo, principalmente sua maior conurbação, São Paulo de Orunmilá. Entretanto, nenhum cidadão ignora que o país está na lista negra do conglomerado Koumei, com sua chusma de indolência insolúvel nos rios onde os índios se banham e sua cor local dissolvida pela teoria das cores do *trust* açucareiro.

E agora, um excerto de *Neuromancer*, de William Gibson (São Paulo: Editora Aleph, 1991), o romance que fez a fama do cyberpunk norte-americano, para que possamos vislumbrar as semelhanças e diferenças:

Ratz estava de serviço no balcão, com o braço protético balançando monotonamente, enchendo uma bandeja de copos com Kirin tirada sob pressão. Reparou em Case e sorriu, exibindo uma dentadura que mais parecia uma trama

formada por aço da Europa do Leste e matéria de cor castanha em decomposição. Case encontrou um lugar junto ao balcão entre o impossível bronzado solar de uma das prostitutas do Lonny Zone e o rígido uniforme naval de um africano alto, cujos malares estavam rodeados de filas bem-definidas de cicatrizes tribais.

Ao contrário do cyberpunk, o tupinipunk apresenta pouca ciência dura e um emprego de temas e motivos da FC em uma chave de sátira e citação, aproximando-o mais do pastiche. O tupinipunk também busca dirigir-se a uma audiência e a uma tradição literária que apenas tangencialmente tocam a ficção - apesar de Ivan Carlos Regina dirigir-se constantemente à FC norte-americana, com intenções de sátira e ruptura.

O tribalismo característico do cyberpunk é atenuado no tupinipunk. Embora presente, ele é marcado pela qualidade pálida dos movimentos sociais e culturais brasileiros, e só se acentua quando Ivanir Calado trata dos grupos de tráfico de drogas no Rio de Janeiro, em "O Altar dos nossos Corações". A ênfase aí diz respeito à ação de um grupo reconhecível dentro da sociedade brasileira de hoje, sobre o restante da sociedade. Quando Bráulio Tavares fala de suas tribos em "Jogo Rápido", elas não são reconhecíveis, nem parecem fruto de uma extrapolação razoável a partir da sociedade brasileira.

Outro diferenciador é o motivo religioso, ligado ao conceito do sincretismo. Aparece em Regina, em Fawcett, em Kujawsky, geralmente associados a implicações sociais, culturais e políticas (como a mudança da religião oficial do catolicismo para o candomblé), que remetem total ou parcialmente à realidade particular do Brasil. Também em Tavares, na medida em que seus alienígenas invasores (presentes na segunda parte de *A Espinha Dorsal da Memória*), nunca aparecem em carne-e-osso, permanecendo como uma presença etérea, mítica, à qual a humanidade se submete de modo fatalista.

A presença do humor enfatizado, sarcástico, também os afasta do cyberpunk anglo-americano, tomando o tupinipunk muito mais próximo do 'cyberpunk humorístico' — se é que isso jamais existiu — de Marc Laidlaw em seu *A Usina Nuclear de Papai (Dad's Nuke)*, que Kujawsky chamou de *freestyle*.⁷

O tupinipunk não se configura como um movimento: há pouca ou nenhuma comunicação entre um autor e outro. Kujawsky, por exemplo, não havia lido *Santa Clara Poltergeist* quando

⁷ KUJAWSKY, Guilherme. "Literatura Cyberpunk Sobrevive a Detratores". In "Especial-Domingo", *O Estado de São Paulo* de 5 de março de 1995 (nota do autor).

lançou *Piritas Siderais*⁸, e nunca ouvira falar de Ivan Carlos Regina, cuja repercussão é muito pequena, fora dos círculos dos fãs de FC. O próprio Tavares aparentemente não foi capaz de reconhecer semelhanças entre os contos de Regina e a novela de Fawcett. Isso tudo reforça a hipótese do tupinipunk como uma *tendência* espontânea da FC e literatura brasileiras, traduzindo algo da atmosfera cultural do país, suas contradições e dilemas. Mas assim como o cyberpunk, pode ser considerado como um sub-gênero mais ou menos integrado à FC, se não como um movimento literário.⁹

O melhor dessa tendência está em Braulio Tavares e em Ivan Carlos Regina, dois autores que tendem a continuá-la, e que estão bem mais próximos da FC.

A maioria desses trabalhos se pauta por intenções pós-modernas, onde enredo, personagem e mensagem são interesses secundários ou inexistentes, e onde o foco não aponta para as revelações poéticas interiores, mas para um contexto exterior, marcado pela dubiedade de identidades e de relações; o próprio "ser" perde os parâmetros costumeiros e se toma uma busca escorregadia.

Outro elemento problemático do tupinipunk é o tratamento dado ao sincretismo, que conduz a um tipo de acomodação próprio da tradição política brasileira e de nosso discurso social de conciliação - onde as tensões básicas de um país contraditório são apenas acomodadas, e não resolvidas. Assim, o invasor alienígena que leva para longe dos seus trilhos a vida do homem que ele dominou — alienígena que possui intenções desconhecidas de dominação ou exploração dos humanos — é bem vindo se ele pode ser acomodado em uma chave de uso sexual.¹⁰

O trabalho mais positivo e consistente seria a talvez a novela de Ivanir Calado, na qual

⁸ VIANNA. Hermano. "Um Projeto Literário e Virotico". In "Idéias/Livros" N° 405. *Jornal do Brasil* de 2 de julho de 1994, pág. 1 (nota do autor).

⁹ Alguma coisa semelhante ocorre quando se afirma que o cyberpunk hoje é um movimento cultural exterior à literatura de FC, sugerindo que o estágio da cultura determinaria o aparecimento espontâneo desse movimento. Ver CADIGAN, Pat. "Ten Years After". In *Asimov's Science Fiction* December 1993. New York: Deli Magazines, pág. 8. "[...] FC sempre foi uma forma de arte de cultura popular por estar espelhando o conteúdo do seu tempo mesmo enquanto tenta extrapolar — algumas vezes de modo muito bem sucedido — a partir desse tempo. FC cyberpunk nasceu porque vários escritores estavam respondendo a uma mudança cultural - sem totalmente perceberem isso, a princípio. Esta é a natureza da resposta artística inicial, por ser espontânea, não calculada. De qualquer modo, por causa dos desenvolvimentos na tecnologia de uso geral, o que hoje se tornou conhecido como FC cyberpunk era inevitável[...]" Cadigan é a única autora associada ao movimento cyberpunk na FC norte-americana (nota do autor).

¹⁰ Refiro-me a "Life as an Ant", de Carneiro, e é interessante compará-lo com outros contos da antologia de Pobl & Hull: todos os trabalhos tem mais ou menos o mesmo perfil, envolvendo a invasão através do controle do corpo e às vezes da mente dos hospedeiros; nos trabalhos de autores norte-americanos, o processo é várias vezes comparado a um estupro — já no autor latino ou oriental a "visita" é melhor aceita, e o exotismo sexual aparece em várias histórias (nota do autor).

extrapolação e sarcasmo se casam com mais nitidez, e onde a crítica é amparada por imagens vividas e originais, plenas de significado.

É preciso lembrar ainda que alguns autores brasileiros produziram histórias mais próximas do cyberpunk norteamericano, mas distantes do tupinipunk: Henrique Flory, com "Feliz Natal 20 Bilhões"(i.t1 *Enquanto Houver Natal...*, Gumercindo Rocha Dorea, ed. São Paulo: Ficção Científica GRD N° 4, 1989); Cid Fernandez, com "Julgamentos" (in *Tríplice Universo*, Gumercindo Rocha Dorea, ed. São Paulo: Ficção Científica GRD N° 14. 1993); e eu mesmo, com 'Duelo Neural' (*OMNIA 21*. Lisboa: 1991).

*

A resenha da *Locus - The Newspaper of the Science Fiction Field*, Faren Miller, no número 412 da revista, apontou a possibilidade de ao menos uma obra da FC norte-americana estar próxima do tupinipunk: "Na edição passada, Roberto de Sousa Causo escreveu sobre a recente mutação brasileira do cyberpunk em 'tupinipunk', onde elementos étnicos e religiosos, incluindo formas afro-brasileiras de ritual e espiritualidade, conduzem a forma para longe de suas raízes na mistura mais familiar de atitudes americanas, tecnologia *hacker* com detetive *noir*. Provavelmente de modo bem independente [...], Richard Kadrey se moveu na mesma direção com seu segundo romance, *Kamikaze L'Amour*, após uma promissora mas mais cyberpunk-padrão estréia com *Metrophage*.

"Ou talvez eu devesse dizer, o Brasil veio até nós com este livro, pois a premissa surreal de Kadrey é uma catastróficamente súbita invasão da Costa Oeste da América por uma floresta tropical sem controle."

E Miller termina sua resenha de *Kamikaze L'Amour* dizendo que "mesmo quando Kadrey deixa a lógica bem para trás [...], ele e seu protagonista/narrador não têm medo de enfrentar as grandes questões da morte, perda, sonhos, e a mudança dos homens, de cabeça. Se o cyberpunk mais estereotipado é uma forma de maneirismo, ele [Kadrey] reteve sua incômoda escuridão, mas deixou o resto para trás."¹¹

Não conheço o livro de Kadrey (autor que Kujawsky também associa ao *freestyle*), mas é essa visão que não se excusa de enfrentar as grandes questões, que costuma faltar ao tupinipunk.

O que Miller disse de *Kamikaze L'Amour* pode ser dito de *Through the Arc of Ihe Rain Forest*,

¹¹ MILLER, Faren. "Reviews by Fara, Miller." In *Locus – The Newspaper of the Science Fiction Field #412*, May 1995 . Oakland: Locus Publications, pág, 23 (nota do autor).

de Karen Tei Yamashita (Minneapolis: Coffee House, 1990), uma mulher que é parte japonesa, parte norte-americana e parte brasileira, tendo vivido no Brasil por dez anos, e se casado com um brasileiro. Seu romance se passa no Brasil, e envolve uma galeria de personagens que vai de um imigrante japonês que vem acompanhado de uma bolinha de origem desconhecida e que orbita a sua testa sempre à mesma distância de uns dez centímetros, e que intervém sobre a sua vida de modos misteriosos — fazendo-o ganhar na loteria, por exemplo. Um caboclo que descobriu uma espécie de auricupultura com penas de aves, de efeitos relaxantes, que se torna mania mundial. Um garoto nordestino que constrói um império de pagamento de promessas. Um casal paulistano que transforma o uso de pombos-correio para comunicação de mensagens pessoais noutra mania mundial. Um gerente de multinacional norte-americana, com três braços, que cria o conceito da "trianética", e que se toma o nome por trás da exploração do "Matacão", uma área da amazônia onde o solo é constituído de um a espécie de plástico (curiosamente a mesma constituição da bolinha do japonês) milagroso, que também revoluciona a situação mundial. (Interessante comparar a selva tropical invadindo os EUA no romance de Kadrey, com a matéria plástica, industrializada, invadindo o Brasil.)

Yamashita afirma ter construído o romance em torno da estrutura geral das novelas televisivas brasileiras, mas tendo como fundo a definição de Lévy-Strauss dos *Tristes Trópicos*: "Um idílio de aguda inocência, nostalgia sem limites, e terrível crueldade." O elemento trágico não está apenas na corrupção dessa inocência e do idílio com a globalização dos irônicos produtos que o Brasil sub-desenvolvido coloca para o mundo em substituição das comunicações (pombos-correio), das drogas (a auricupultura de penas) e dos produtos industrializados milagrosamente arrancados da terra (incluindo próteses feitas de matacão, que lembram a invasão mecânica do corpo humano do cyberpunk) — a história se conduz a um momento apoteótico de destruição e terror na Amazônia, onde um simulacro do glamour hollywoodiano (um *theme-park* como os da Universal Studios) é importado pela loucura sincrética para o meio da selva, lembrando Fitzcarraldo e seu teatro de ópera tropical.

Se há um livro-guia fundamental para o tupinipunk, é esse romance esquisito escrito por alguém que é só um terço brasileira. Nele, o sincretismo tem sua verdadeira face de imitação vazia desvelada, e onde não é possível uma acomodação conciliatória. *Through the Arc of the Rain Forest* representa as melhores possibilidades do tupinipunk: um cyberpunk de soluções terceiro-mundistas, sofrendo para integrar-se a um mundo marcado pelo capitalismo globalizado que poderá

engolir até mesmo as preocupações ambientalistas, a identidade cultural e individual.

Um pólo oposto também deve permanecer em mente. Na noveleta "America", de Orson Scott Card (in *The Folk of the Fringe*. New York: Tor Books, 1990), um adolescente norte-americano mórmon comunica a uma índia brasileira de meia-idade a chave para realizar uma profecia - a vinda do Quetzalcoatl. E essa chave é inspirada pelo movimento "Black Is Beautiful" nos Estados Unidos, que permitiu aos negros adquirirem um auto-respeito até então abafado pela sociedade dominante. Na noveleta, os povos indígenas das Américas devem assumir estratégias semelhantes, guiados por um líder carismático que ainda vai nascer. Vai nascer filho da união do garoto branco e da mulher índia, embora ela se afirmará sempre uma versão indígena da Virgem Maria — muito sincretismo aqui. "America" fala dessa fusão entre o novo e o velho, o europeu e o nativo, o dominante e o dominado, e "eu" e o "outro", mas não em uma chave de acomodação, mas de transformação. A liderança do filho conduz a uma inversão de papéis - os europeus são expulsos de volta, e é dada aos índios uma nova chance de gerenciar as Américas, depois dos fracassos ecológicos e sociais do colonizador europeu. Só ficam aqueles que conseguem viver em harmonia com os índios, mas fora de uma chave competitiva, onde uma cultura deve sobrepujar a outra.

Se nos piores trabalhos tupinipunks o sincretismo tira o poder político e cultural dos povos que contribuem para esse amálgama, em "America" aquele momento de fusão sem disfarces conciliatórios devolve esse poder, amplia esse poder, e o toma uma força de transformação.

Essa é a boa face do multiculturalismo — o contato com a outra cultura, dando aos povos novas ferramentas de ver o mundo, e de mudá-lo para melhor.

Na oposição entre conciliação (significando "acomodação" de tensões, sem resolvê-las) e transformação (empregando essa palavra no lugar da desgastada "revolução"), a maior parte do tupinipunk infelizmente ainda está do lado da conciliação, reforçando mitos antigos, ao invés de produzir novos, acomodando tensões sociais e culturais sob a forma de alegorias carnavalescas e batuques estilísticos, ao invés de investigá-las a fundo em suas presenças formadoras da realidade brasileira, e de sua interface com a realidade internacional. Em grande parte, o tupinipunk reforça modelos que se ajustam a uma prática social e política que impera aqui há tempo demais.

BORDUNA & FEITIÇARIA
FANZINE DE FANTASIA HERÓICA

✦

O único fanzine brasileiro dedicado ao gênero da fantasia heróica (ou espada & feitiçaria) é também o único com capa colorida. Trazendo com exclusividade contos, ensaios, resenhas e ilustrações sobre os mundos mágicos da fantasia.

Borduna & Feitiçaria é também ponto de encontro dos aficionados por fantasia arturiana e medieval.

16 páginas, R\$ 3,00. Pedidos a Edgard Guimarães, Rua Monsenhor Noronha, 21 - Brasópolis-MG CEP 37530-000

Endereço da Redação: Rua André Dreifus, 109/163 - bloco 2 São Paulo-SP 01252-901
Fone/FAX (011) 871 3646.

Figura 2: Anúncio Borduna & Feitiçaria.

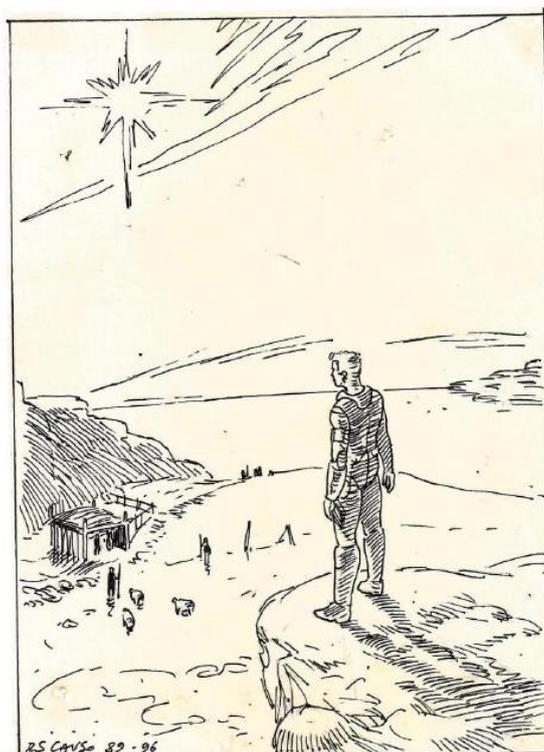


Figura 3: Estudo inspirado no conto "Atendimento Domiciliar", de José dos Santos Fernandes (*Enquanto Houver Natal...*, 1989, legenda do autor).